

**UMA ANÁLISE DE BLOGS PESSOAIS DE USUÁRIOS DE DROGA:**

**UMA PERCEPÇÃO DE SI COMO RISCO [[1]](#footnote-1)**

**Luana Luciana Ribeiro de Alencar[[2]](#footnote-2); Antonione Alve Grassano[[3]](#footnote-3); Bruna Pfeiffer Salgado[[4]](#footnote-4)**

**Resumo**

Esse resumo abarca um dos vieses da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, intitulada “Dos excessos contemporâneos: os discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais”. Precisamos, para esse fim, explorar um pouco sobre as narrativas de si, como o usuário de drogas constrói uma narrativa de vida com começo, meio e recuperação de seu uso problemático de drogas, abordando uma questão específica que destrincharemos nesse trabalho: a percepção de si como risco para o usuário e para suas relações sociais.

**Palavra-chave:** drogas; discurso; blog; usuário; risco.

**Indrodução**

Bourdieu (2011) sistematiza a noção de campo, que tem sua estrutura própria e uma *episteme* de base científica. O campo é o local da produção de relações grupais, coletivas ou unidades de sobrevivência do sujeito. O autor inaugura o conceito de Poder Simbólico, que é um poder de construção da realidade, naturalizado por nós. Ora, Bourdieu aponta que os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante, na medida em que também são estruturados, e essa estruturação é possível devido a um determinado consenso, hegemônico, de dominação. A temática de drogas é multidisciplinar e pode ser estudada por diferentes campos, campos esses não necessariamente excludentes, mas que se completam em seu modo de significar a problemática do uso abusivo de drogas. No trabalho em questão, dois campos se fundem e são inseparáveis para investigação: o campo da Comunicação e o campo da Saúde.

Petracci (2012) discorre acerca dos campos Saúde e Comunicação e acredita que o entrecruzamento dessas estruturas dá origem a um terceiro campo: o da Comunicação e Saúde, que pode ser visualizada nas campanhas de saúde, por exemplo, onde há toda uma lógica e estrutura comunicacional com intuito da promoção da saúde. A saúde, especialmente em períodos de epidemia, vem pautando cada vez mais a agenda midiática, todavia é preciso compreender que muitas vezes esse terceiro campo, apontado por Petracci (2012), da Comunicação e Saúde entra em conflito, como a pesquisa de Araújo & Aguiar (2017) discorre. Os autores investigam a cobertura midiática sobre a epidemia de Zica vírus, em que a circulação discursiva muitas vezes não coincidia com a circulação viral, seja por motivos políticos ou interesses outros.

 A título de exemplo trouxemos para essa discussão alguns exemplos da mídia na abordagem sobre as drogas, usando para isso o termo “epidemia”. Ao falarmos de Epidemias de Drogas, estamos utilizando um léxico de origem do campo da saúde, que neste contexto adquire um significado que sofreu deslocamentos de sentido desde sua descrição original. Pautados pela Análise de Discurso, que será a metodologia adotada nesse artigo, pudemos verificar que o léxico *epidemia* é ressignificado ao falar-se de epidemia de drogas. Essa epidemia não é a de uma doença que contagia, no entanto ao ser usada, mesmo que não no intento de falar-se de contágio, é inevitável o efeito-sentido do medo e do risco.

Assim, em meados do século XX, a epideomilogia dos modos de transmissão começa a dar lugar à epideomiologia dos fatores de risco. Já não cabia mais pensar em agente causal, mas numa “rede de causação”, uma imbricada trama de fatores de risco cuja interação explicaria os padrões das doenças não transmissíveis (CASTIEL, GUILAM & FERREIRA, 2015, p.39)

# Após uma onda de divulgação do chavão “epidemia do crack”, em 2014 o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em saúde (ICICT), lançou os resultados da Pesquisa Nacional sobre o Uso de Crack (BASTOS, 2014). Já nos anos 90 as cenas de uso de crack já eram popularmente conhecidas como cracolândia e o estigma ao usuário e à droga já havia see espalhado nas manchetes de jornal: “Epidemia do Crack: traficantes buscam novas formas de atrair consumidores”[[5]](#footnote-5), “Epidemia do crack faz crescer número de bebês abandonados em SP”[[6]](#footnote-6), Jornal da Record 18 de agosto de 2012; “Epidemia do Crack: Trabalhadores rurais do Paraná se viciam na droga”[[7]](#footnote-7); “Epidemia do crack destrói famílias pelo país”[[8]](#footnote-8).

# A Pesquisa Nacional sobre Uso de Crack (BASTOS, 2014), entre um dos sete objetivos, intentou traçar o perfil dos usuários de crack nas cenas de uso. Tem-se por cena de uso o “Ponto de encontro, em local público, para consumo de uma ou mais drogas. Esse seria o termo mais adequado para substituir expressões como “cracolândia””. (ARAUJO, 2017, p 31). A conclusão é que não havia, como os jornais difundiam, uma “epidemia do crack” e nem a droga era responsável pela destruição de famílias, mas o uso e o perfil dos usuários eram caracterizados por condições de vulnerabilidade física, social e econômica (BASTOS, 2014). Há, como aponta Vaz e Cardoso (2014, p. 155), “uma relação conflituosa entre meios de comunicação e os especialistas na doença”, embora o texto esteja falando das epidemias de dengue no Brasil, se tomarmos a suposta epidemia do crack e a narrativa midiática que se constrói em torno do uso problemático da droga, temos, sim, um embate visto entre os campos Comunicação e Saúde: não existe uma epidemia de crack, provado cientificamente, mesmo que a mídia não esteja em consonância com essa constatação. Na narrativa sobre o sofrimento dos usuários de crack, os jornais não os colocam como vítimas, mas sim como risco para sociedade. Podemos dizer que há um relato de um sofrimento do usuário, mas um sofrimento ameaçador, um sofrimento como risco ao outro. Sabe-se que boa parte da população procura se informar pela mídia e é inegável sua importância na educação e formação de opinião das pessoas. “Em uma sociedade marcada pela centralidade da mídia, os veículos de comunicação têm papel relevante na formação da opinião, e por isso, são atores que não podem ser excluídos das análises de políticas públicas” (RANGEL, LAMEGO, BROTAS, COSTA & BARBOSA, 2016, p.468)

Em uma tentativa de alinhar a realidade das políticas públicas e pesquisas sobre saúde e o que é falado sobre drogas na mídia, no fim de janeiro de 2018 foi criado o Guia sobre Drogas para Jornalistas. O material foi produzido pela Plataforma Brasileira de Política de Drogas, em parceria com o Instituto Brasileiro de Ciencias Criminais (IBCCRIM) e a Catalize e redigido pelo jornalista Tarso Araújo.

O guia é composto por verbetes que auxiliem os jornalistas para uma redação mais especializada acerca do tema, promovendo uma interface mais alinhada entre a temática Drogas e Comunicação. O material objetiva reunir informações relevantes de áreas multisciplinares que estudam sobre drogas, de forma que os jornalistas conheçam a linguagem em linhas gerais de cada área e como cada área enxerga o problema (ou não) das drogas, ou seja, a transversalidade entre os campos.

Uma das discussões do guia é sobre a necessidade de se falar sobre as questões sociais e políticas de encarceramento massivo no Brasil pelo uso e comércio das drogas, inserindo, também, a responsabilidade de que a questão seja estudada no âmbito da saúde pública. Ainda se ressalta a necessidade de fazer-se uma nova política de drogas, pautadas em pesquisas científicas e não baseada em questões morais.

# Narrativa da Doença

#  Como Vaz & Cardoso (2014) expõem a construção midiática da narrativa do antes e depois da doença – no caso da dengue – : a de pessoas felizes, mas diante de uma catástrofe, respectivamente, podemos, também, verificar nas reportagens e nos relatos de si dos blogs analisados sobre os usuários de droga que essa construção é parafrástica e análoga em diversos pontos: sempre alguém feliz, com oportunidades na vida, família feliz, esposa ideal e o uso de drogas que destrói todo esse “conto de fadas”.

Era inteligente e sonhador, queria ser Professor de Educação física pois adorava esportes.

(...) Elas tiraram quase tudo de mim, meu carro, meus amigos e minha dignidade! (...) Sou respeitado novamente, sou uma pessoa que cumpri com os seus compromissos e meus pais tem muito orgulho de mim.[[9]](#footnote-9)

Diferentemente do que Vaz e Cardoso constatam em sua investigação sobre a cobertura midiática da dengue, não é a pobreza que é um fator que viria a ser um risco maior para as pessoas contraírem dengue, mas no caso das drogas seria a escolha do usuário por usá-la e a própria droga que o levaria a pobreza, que vem a desembocar em questões que precisamos pontuar sobre risco e autocuidado. Se é a droga a precursora da decadência social, financeira e mesmo moral do sujeito e se o uso de droga é de responsabilidade dessa pessoa, a “culpa” cai sobre o indivíduo que passa de vítima a culpado. Os estigmas, por sua vez, são frutos nesse discurso de que usuário de drogas é bandido, é zumbi, é ladrão, é perigoso e é um inimigo a ser combatido, como a história mostra sua trajetória de higienismo dessas pessoas. Talvez a mais recente tentativa de segregar e higienizar essas pessoas foi o episódio de invasão da conhecida popularmente como “cracolândia”[[10]](#footnote-10) em maio de 2017, na cidade de São Paulo. Os policiais soltaram bomba, agrediram moradores e trocaram tiros com algumas pessoas que eram ligadas ao tráfico. Chegaram, junto ao governo do Estado, a debater sobre internação compulsória para usuários de crack, o que foi um tema polêmico entre especialistas que estudam o assunto. Se voltarmos à teoria do Estádio do Espelho de Lacan, sabemos que a estruturação do nosso Eu passa pelo simbólico e por como enxergamos o outro e como o outro nos enxerga. Na metáfora, a imagem do espelho refletida seria o outro.

O “pequeno outro”, com letra minúscula, refere-se ao outro semelhante, ao próximo que, no início do desenvolvimento da criança, serviria como identificação. Assim, é possível pensar que Lacan explora a metáfora do espelho, alegando que a imagem refletida corresponderia àquela do outro semelhante. (IMANISH, 2018, p.8).

Ora, se o outro vê e identifica o usuário problemático de droga como um sujeito inferior, a chance desse sujeito se ver como inferior e como risco para ele e para o seu entorno é altíssima, é o que chamamos de autoestigma (RONZANI, 2015), que é além de configurar uma angústia na vida do usuário, torna-se uma barreira para a recuperação do sujeito.

 **Risco e Autocuidado**

O Estado, depois de um discurso de promotor do bem-estar social, trouxe a tona o conceito de prevenção e responsabilização do indivíduo sobre sua saúde.A promoção do autocuidado serviria para prevenção de doenças e para que o Estado economizasse com possíveis casos de doenças a serem evitadas. Temos aqui um empasse. O sujeito sendo responsável por sua própria saúde, prevenção e manutenção dela, a responsabilidade do Estado seria dividida com esse indivíduo ou até atribuída totalmente a ele.

A era digital chegou fornecendo dados a 64,7 % dos brasileiros, mas uma porcentagem dessas pessoas não possuem o que chamamos de Competências Midiáticas, que é a capacidade de checar, elaborar e analisar as informações que chegam até eles, informações estas com um fluxo intenso e rápido. Em meio a isso o jornalismo tem que lidar com as *Fake News*, muitas vezes produzidas pelos próprios jornalistas, propositalmente ou não, a questão é: como cuidar de si sem as ferramentas adequadas em um país em que a desigualdade social é uma realidade e a falta do Estado está nas camadas mais pobres da sociedades?

Partindo do pensamento foucaultiano sobre relações de poder, sabe-se que a mídia tradicional é onde grande parte das pessoas vão se informar e é indubitável seu valor de credibilidade e veracidade. Difundindo-se inverdades cria-se e fomenta-se o estigma a X classes sociais e Y sujeitos. De que forma o jornalismo reflete em como essas pessoas enxergam a realidade do mundo e como se veem? A teoria de que o jornalismo é um espelho da realidade do mundo é tida como ultrapassada e outras teorias vieram a contrapô-la, todavia o efeito de sentido de que o jornalismo ainda é um espelho da realidade do mundo ainda é sentida e vivida por muitos brasileiros. Como reverter, por exemplo, a difusão de um medo coletivo por uma manchete como “Derivado de cocaina e mais letal que o crack, oxi destroi jovens e criancas no Acre”, que a posteriori é desmentida por peritos laboratoriais e que não teve uma retratação midiática? Retratos como esse que reforçam o autoestigma, tópico que foi debatido no primeiro capítulo do trabalho. Diminuir esse autoestigma requer, dado a sua capacidade de construção de uma memória discursiva de si, uma remodelagem nos modos de apuração das notícias, de maneira mais cautelosa e menos sensacionalista.

Embora haja fatores biológicos, socio-econômicos, psíquicos, políticos e subjetivos a serem considerados para a análise de possíveis motivos que levariam alguém a fazer um uso problemático de drogas, queremos frisar que nosso objeto é discursivo e o recorte foram blogs escritos por pessoas que se identificam e se autodenominam usuárias problemáticas de drogas. Esse estudo não tem pretensão alguma de tomar esses discursos como representantes de todas as pessoas que fazem uso problemáticos de drogas, visto que somente 64, 7 %[[11]](#footnote-11) dos brasileiros com mais de dez anos de idade tiveram acesso à internet no ano de 2016, período em que se realizou a pesquisa. Logo, nossa pergunta, que é discursiva, é: Como os discursos de si são constituídos na ambiência midiática de blogs pessoais?

**Blogs: Identidades e Discurso de Si**

Modernidade líquida, geração dos excessos, Era dos *big dates* etc. Autores como Joel Birman (2016), Bauman (1998), Freud (2011), e outros inúmeros autores tentaram esboçar por meio de suas obras o fenômeno chamado “crise de identidade”. Para Análise de Discurso não existe identidade ou identidades, como vamos ver adiante, porém faz-se necessário pontuar o que mudou com a chamada identidade do indivíduo. Indubitavelmente o fluxo de informações da era digital trouxe novos direcionamentos e formas de significar acontecimentos da vida, o que os autores Castiel, Guilam & Ferreira (2015) chegam a chamar de “cultura da esquizofrenia”, denominada assim pela geração dos excessos que é fluida, líquida e onde o indivíduo tem dificuldades em ter limites ou algo/alguém a que se agarrar. Com o surgimento do discurso científico, não há mais um Pai do céu a se clamar, restando ficar com o mal-estar de uma orfandade em busca de um Pai substitutivo. Todavia, há um gozo em romper com a lei, em ultrapassar os limites impostos socialmente e culturalmente.

Diante da Análise do Discurso não há uma identidade ou identidades múltiplas, mas sim identificações com discursos que estão constantemente em deslocamentos de sentidos. Em um mesmo discurso um sujeito pode ser atravessado por no mínimo duas formações discursivas, a que ele afirma e a que é silenciada, que denominamos contra-discurso. O que os autores chamam de Teorias da Identidade, para Análise do Discurso estaria mais próxima da perspectiva psicanalítica lacaniana o espelho, em que o Eu não é fixo, mas quando o sujeito se olha no espelho, no decorrer do tempo, ele apaga e redesenha sua imagem refletida.

Contrariando a Teoria Substitutiva de Aristóteles, Richards (1971) cria a Teoria Predicativa, cuja unidade semântica não é mais a palavra e sim o contexto, a frase ou a proposição. O autor nos aconselha a deixarmos de lado, por um momento, a idéia de que as palavras têm um sentido próprio e que o discurso seria apenas uma composição destes sentidos. Esta idéia é uma superstição, pois a maioria das palavras, quando passam de um contexto para outro, muda seu significado e de diversas formas. Para o autor, esta flutuação do sentido das palavras não apenas ocorre, como também énecessária para que o discurso comum não sofra de rigidez. (IMANISHI, 2008, p. 3)

O blog, que etimologicamente significa diário de bordo, surge como o objetivo de ser um instrumento em que um ou mais autores escrevessem sobre determinado assunto. O primeiro weblog de qual temos notícias é “What´s new in ´92”, criado em 1992 por Tim-Berners Lee, com notícias atualizadas sobre um projeto de pesquisa (CLEMENTE, 2005). A tecnologia do blog permite que as postagens sejam organizadas e agrupadas por ano, mês e dia e se torne um espaço de memória e arquivo digital.

Os autores que fazem as atualizações e postagens dos blogs são chamados de blogueiros, cuja nomenclatura mobiliza outros sentidos e cuja autoria cria espaço para uma disputa de poderes, seja nos comentários, seja no número de seguidores e acessos ou ainda em quem vai se identificar ou não com aquele conteúdo. Como é falar de si para os outros?

Quando falo de mim para mim gero o mesmo efeito de sentido que geraria na leitura de outra pessoa que leria o que escrevo sobre mim? Com certeza não. O blog também é uma maneira de empreender a si. Aqui ressaltamos a característica do sujeito neoliberal, que é marcada pelo empreendimento e promoção de si. Muito embora os blogs pessoais falem de si, há uma diferença entre esses e os antigos diários escritos. Essa diferença se dá na função autor-leitor; se antes escrevia-se de si para si, agora, nos blogs, há um leitor que não é o próprio autor, o que configura uma escrita com uma censura maior e em uma identificação (ou não) do leitor com o conteúdo exposto, tendo em conta que “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (SILVA, 2000, p. 18). Posto isso, passemos às análises.

**Análise do Discurso do Risco**

Esse artigo é parte de uma pesquisa[[12]](#footnote-12) maior acerca do Discurso de Si de pessoas que fazem uso problemático de drogas, discursos esses encontrados em blogs pessoais[[13]](#footnote-13). Objetivamos mapear quais são as posições-sujeito com as quais esses usuários se identificam ao falaram de si,

Não há forma de estar no discurso sem constituir-se uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia do dizer” (ORLANDI, 2011, p. 55)

Pós-segunda guerra mundial passou a se falar em bem-estar social que seria garantido pelo Estado (BAUMAN, 1998). Posteriormente o Estado trouxe a tona o conceito de prevenção e responsabilização do indivíduo sobre sua saúde. A promoção do autocuidado serviria para prevenção de doenças e para que o Estado economizasse com possíveis casos de doenças a serem evitadas. Temos aqui um empasse. O sujeito sendo responsável por sua própria saúde, prevenção e manutenção dela, a responsabilidade do Estado seria dividida com esse indivíduo ou até atribuída totalmente a ele.

Considerando, inicialmente, o risco como uma forma específica de se relacionar com o futuro, nunca é demais reiterar que a palavra risco emerge na pré-modernidade, ou seja, na transição entre a sociedade feudal e as novas formas de territorialidade que dariam origem aos Estados-nação.

De certa maneira o conceito de risco traz uma nova modalidade de biopoder, onde o indivíduo é autovigilante. A previsão do risco é, indubitavelmente, uma forma de controle social onde grupos de risco são midiaticamente e socialmente excluídos e “higienizados”. Por isso, há uma vigilância não só de si, mas há uma pressão para que outro cuide de si a fim de não prejudicar e expor o social ao risco. Fala-se, na modernidade, em gestão de risco, em que eu coloco na balança cada situação de minha vida e decido se corro o risco ou não (CASTIEL, GUILAM & FERREIRA, 2015). O problema disso, muito em função da difusão e rapidez das informações na rede, é um alarde social desnecessário e impulsionado cada vez pelas *fake news.*

Sabemos que o discurso da prevenção, do autocuidado de da responsabilidade de si sobre sua saúde é difundido pela mídia e pelas políticas públicas de saúde como já verificamos durante esse trabalho. Nosso intuito foi investigar em que medida esse discurso perpassa a fala dos usuários de drogas desses blogs e se a perpassa.

E1: Fiz eles passarem noites e noites de sono, sem saber onde eu estava....fiz os homi entrarem lá em casa, altas horas das madruga, atras de mim...acabei com minha familia....acabei literalmente.....coloquei todos os meus irmãos nas drogas tb.....hj dois deles ainda são moradores de rua, em Recife/PE

A responsabilização por acontecimentos em virtude do uso de drogas são notadamente marcados pelos verbos na primeira pessoa como *fiz, acabei, coloquei.* A sequência das orações: *coloquei todos os meus irmãos nas drogas tb.....hj dois deles ainda são moradores de rua,* interligadas por (.. ...) mostra uma correlação entre a responsabilidade sobre o uso de droga dos irmãos, transpassado pelo discurso da culpa e do risco social, risco esse que faz com quem o autor acredite que o episódio passado é o motivo da vida atual que seus irmãos levam

E2: Vida cruel a que eu vivia! Mas fui eu quem escolhi trilhar por ela. Meus pais sempre tentaram me tirar.....mas eu sempre insistia em permanecer. Eles era de boa, tá ligado? Eles me deram tudo que eu queria...e precisava...até que eles tinham condições....ambos eram formados....viviam bem financeiramente, mas tinha esse grande inferno dentro de casa....aliás, não tinham o inferno, não....tinham o diabo mesmo....era eu.

Em E2 o discurso de autocuidado fica ainda mais evidente ao afirma-se que *Vida cruel... mas eu quem escolhi* e a ameaça e a visão de si como risco são tecidos na narrativa de como a vida dos pais era boa, porém ameaçada por um *diabo*, que era ele, o usuário de drogas. O autor ocupa uma posição-sujeito de risco ao afirmar que era ele o perigo e o desordeiro do lar.

E3: Todos os dias a noite pedia para minha mãe trancar o quarto para que eu não tentasse fugir, não conseguia dormir e fritava na cama (...) minha sobrinha que me adorava entrou no quarto para me dar um beijo e antes que ela o fizesse a expulsei do quarto ela olhou nos meus olhos e falou você está parecendo um bicho! E ela só tinha 4 anos. Esse foi um momento muito marcante em minha vida pois percebi que estava me afundando me senti um “merda”. Perguntei para mim mesmo o que eu estou fazendo da minha vida

O ato de pedir à mãe que o trancasse em seu quarto para que não *fugisse* é atravessado duplamente pelo discurso do risco. Primeiro aponta para um descontrole de si motivado pelo uso de drogas e uma visão de si como risco para si e para os outros ao sair de casa. Segundo o condicional *para que eu não fugisse* aponta para um perigo. Fugir é indício de um risco, se foge de algo que ameaça. Esse significante é um indicativo muito forte do ato de sentir ameaça e se sentir ameaçado (pelas drogas), o que coloca o autor em uma posição sujeito de vítima e perigo para si e para o outro. Na sequência, o autor relata o episódio da sobrinha entrando no quarto e sendo expulsa por ele, o que a assustou e a fez o chamar de *bicho*. A fala da criança reitera o discurso do risco e da ameaça do usuário de droga nesse relato. Para tal faixa etária o substantivo *bicho* aponta para um medo, terror e para uma reação do autor: momento em que enxerga como está e o faz indagar o que está fazendo de sua vida.

E5. **."**Pai eu sei que você sempre me deu de tudo e sempre fez o melhor para mim, não quero mais enganar vocês, tenho um problema sério e preciso da ajuda de vocês! Sou dependente químico pois não consigo largar a cocaína e o crak! Desculpe pai, desculpe mãe! Sei que vocês preferiam que eu dissesse que passei em um concurso ou teste de trabalho, mas essa é a minha realidade

Em E5 encontramos o próprio autor contando aos pais que é adicto. Ao mesmo tempo em que conta e desabafa, o usuário pede a ajuda dos pais, o que aponta para um sentido de incapacidade de parar o uso sozinho. Ao afirmar **"**Pai eu sei que você sempre me deu de tudo e sempre fez o melhor para mim, não quero mais enganar vocês”, o que parece fazer com que o autor confesse seu uso de drogas é o pai ter dado sido um bom pai e lhe dado de tudo. Vimos na obra de Souza (1997) que confessamos algo a alguém a quem conferimos uma posição de autoridade sobre nós, nesse caso aos pais; e essa condição é a que diferencia confissão de confidência, essa última é uma troca de confissões e segredos. A expressão “não quero mais enganar”, muito mais pelo uso do “mais”, pode indicar que o autor acreditava que já estava enganado os pais por usar drogas, enganando pelo uso e por não contar a eles sobre isso. Prosseguindo, vejamos esse ato enunciativo

“Pai eu sei que você sempre me deu de tudo e sempre fez o melhor para mim, não quero mais enganar vocês”

↓

Não quero mais enganar mais vocês, por que meu pai sempre me deu tudo e deu o melhor para mim

A frase ainda está aberta a outro sentido: Se meu pai não tivesse me dado tudo e não fizesse o melhor para mim, não havia problema enganá-los, ou não estaria os enganando.

Ainda se tratando desse enunciado, percebemos um sintoma do que chamamos da forma-sujeito neoliberal, do indivíduo que deve estar sempre investindo em si mesmo, em sua carreira, produzindo ou consumindo. O sujeito pede desculpas aos pais por usar drogas e ao invés de dizer que seus pais poderiam preferir que ele não usasse drogas ele diz: “Sei que vocês preferiam que eu dissesse que passei em um concurso ou teste de trabalho, mas essa é a minha realidade”. Essa demanda por ser útil e estar sempre produzindo algo é uma característica desse sujeito neoliberal que o autor nega ser quando afirma: mas essa (o uso de drogas) é a minha realidade. Um pedido de desculpas por ser incapacitado de largar as drogas (*pois não consigo largar a cocaína e o crak!*) mostra uma desistência do sujeito perante sua condição e ainda indícios de culpa pelo pedido de desculpas.

E6: (...) Vida cruel a que eu vivia!

(...) Mas fui eu quem escolhi trilhar por ela. Meus pais sempre tentaram me tirar.....mas eu sempre insistia em permanecer.

Eles era de boa, tá ligado? Eles me deram tudo que eu queria...e precisava...até que eles tinham condições....ambos eram formados....viviam bem financeiramente, mas tinha esse grande inferno dentro de casa....aliás, não tinham o inferno, não....tinham o diabo mesmo....era eu.

Em E6 o discurso de autocuidado fica ainda mais evidente ao afirma-se que *Vida cruel...* mas eu quem escolhi; e a ameaça e a visão de si como risco são tecidos na narrativa de como a vida dos pais era boa, porém ameaçada por um diabo, que era ele, o usuário de drogas. O autor ocupa uma posição-sujeito de risco ao afirmar que era ele o perigo e o desordeiro do lar.

E7. Quando completei 13 anos morava no Rio de Janeiro e rolou uma festa no prédio, mas era uma festa de jovens e adultos não me importando com isso eu e meus amigos pegamos uma cerveja para beber, pegamos a 2ª e a 3ª garrafa, quando percebi estava no banheiro de casa com minha mãe me dando banho e me xingando!!! Continuei bebendo em todas as festas que eu frequentava

E8. Eu fiquei “puto” com aquilo, por ter furado minha bola, entrei em casa, pequei uma espingarda calibre 12 que meu Pai tinha. Nessa época eu já sabia atirar, peguei a espingarda e vim de lá pra cá com o Satanás no couro. Quando o vizinho me viu, correu e o cachorro veio pra perto do portão latir para mim...não deu outra...como o vizinho não me encarou, eu atirei no cachorro, que ficou sem a cabeça.

Aquilo, pra mim, era só o início de ganhar status pelo uso da força e da violência!

E9. É, realmente eu era insano. Aliás, eu vivia insano eu amava insanidades.

E10. Se estando sóbrio já sou super orgulhoso, imagina com uns goles a mais. Transformo-me no rei! Insaciável, indestrutível, inatingível.

Não tinha traficante, boca, polícia, amigo, família, namorada que pudesse me segurar

No relato de E7 percebemos alguns vestígios linguísticos que aproxima risco-prazer, ou seja, certo gozo em ser risco e correr risco, o que também vemos nos cotextos subsequentes. Um fator que nos chama a atenção é que o autor de E8 toda vez que se refere ao pai, que segundo ele foi quem o colocou na adicção, esse nome vem em maiúsculo, o que pode indicar que esse pai é quem foi a referência da Lei para essa pessoa (ou a ausência dela). *Nessa época eu já sabia atirar,* afirma o autor, em uma narrativa sobre sua infância e introdução na vida do crime. Parece que ao dizer que nessa etapa da vida o autor já sabia atirar, reforçado pelo *já* que nos aproxima a um sentido de gozo por já ser capaz de tal ato já nessa idade. Tal prazer é mais claro quando no fim de seu relato, depois de ter matado o cachorro de seu vizinho ele afirma que era só o início. Leia-se: isso é só o início, tem mais. Colocar o outro em risco era, para E8, um status de poder, como atesta. Tal relação de poder podemos percebemos em

“...como o vizinho não me encarou, eu atirei no cachorro, que ficou sem a cabeça”.

O fato de o vizinho não o olhar nos olhos, cara a cara, faz com que o autor atire no cachorro. Isso parece ser um aviso de que “comigo não se brinca” e ter uma arma e saber atirar coloca o autor em uma relação de poder em que esse está em uma posição superior ao do vizinho.

Na sequência de enunciados *Eu vivia e amava várias insanidades* parece que o significante “insanidades” se refere ao uso de drogas ilícitas e as transgressões praticadas durante esse uso, e a possível relação de sentidos aproxima uso de drogas-crime, muito embora possamos pensar que o lexema “insano” nos remete a uma memória discursiva biomédica e também religiosa. Isso atesta que os sentidos são múltiplos e a linguagem não é transparente em si mesma. Embora o autor assuma que fazia insanidades, o que o colocava em risco, da mesma maneira ele diz que as amava, mais uma vez aproximando correr risco de prazer. Isso é ainda mais claro no enunciado seguinte do mesmo autor em E10 que sob o uso de drogas ele diz *Transformo-me no rei! Insaciável, indestrutível, inatingível. Não tinha traficante, boca, polícia, amigo, família, namorada que pudesse me segurar.* Outra vez o autor se coloca em uma relação de poder superior aos outros. A enumeração de autoridades e entes queridos que não pudesse impedi-lo de usar drogas e fazer insanidades está relacionada ao significante “inatingível” elencado antes por ele, leia-se: ninguém me segura. A sequência narrativa seguida de um ponto de exclamação parece apontar para efeito de sentido de regozijo e prazer.

O discurso do risco é polissêmico e heterogêneo. Ao mesmo tempo em que se impõe com a responsabilização de si, da prevenção e manutenção da saúde do indivíduo, há, também, um gozo em correr o risco e estar rompendo com a Lei. O autor de FD 6 ao fazer um relato de um episódio em que iniciou o uso de drogas em uma festa imprópria para sua idade, ele afirma *“não me importando com isso”*.O que na prática é textualizado em *não me importando com isso*, é discutido em Spink (2001) como risco-aventura

Com essa contextualização como base, o cerne do nosso argumento propõe que estamos vivendo formas variadas de destradicionalização do risco que se fazem visíveis não apenas na multiplicidade de novas modalidades de aventura, mas também no uso metafórico do risco-aventura para referir-se sobretudo à imponderabilidade e volatilidade dos riscos manufaturados (SPINK, 2001, p.2)

O que a autora chama de Risco-aventura também concebido como efeito-sentido de uma modernidade tardia, nas palavras da autora, que traz para o debate uma reflexão sob os desdobramentos de efeito-sentido sobre o conceito de risco.

**Considerações Finais**

Embora haja um engajamento no último século pelos profissionais da área da saúde, dos pesquisadores e cientistas em uma abordagem multi e interdisciplinar sobre a temática das drogas, ainda percebemos a força do discurso punitivista, culpabilizador, autopunitivista, autoculpabilizador e a visão de um usuário de drogas que se sente em risco e sente-se um risco para a sociedade e para sua família.

A identificação do usuário problemático com o discurso de adicto e de doente é pautada por toda uma memória discursiva do que é ser usuário de drogas, memória essa rememorada e atualizada diariamente nos jornais, que fazem uso de léxicos do campo da saúde, como “epidemia”. Verificamos indícios na fala dos sujeitos usuários de droga que estão em consonância com o discurso midiáticos desses sujeitos como risco social.

**Referências**

ARAUJO, T. **Guia sobre drogas para jornalistas**. 1ª ed. São Paulo: IBCCRIM-PBPD-Catalize-SSRC, 2017.

ARAÚJO, I. S.; AGUIAR, R. O vírus Zika e a circulação dos sentidos: entre limites e ressonâncias, apontamentos para uma pauta de pesquisa. In: Paulo César Castro. (Org.). **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento.** 1ed.Maceió: Edufal, 2017, v. 1, p. 141-162.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

BIRMAN, Joel. (1946) **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTIAL, L. D.; GUILHAM, M. C. R.; FERREIRA, M. S. **Correndo o risco:** uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

CLEMENTE, A. P. Origem e desenvolvimento do blog como mídia digital e sua contribuição para a construção de uma cultura feminina na web. In: 7º **Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho** (ALCAR), 2005, Ceará. Anais. Fortaleza, 2005.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2011

IMANISH. H. A. **A Metáfora na Teoria Lacaniana**: O Estádio do Espelho. Boletim de Psicologia, São Paulo, 2008, Vol. LVIII, Nº 129: 133-145. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a02.pdf> . Acesso em 10 de set de 2018.

PESQUINA NACIONAL SOBRE O USO DE CRACK. Org. Francisco Inácio Bastos, Neilane Bertoni. Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014

PETRACCI, M. Comunicación y salud: un campo diverso y pujante. in: **Organicom**, 2012, v. 9, n. 16/17

RANGEL-S, M.L. ; LAMEGO, G. ; BROTAS, A. M. P. ; COSTA, M. C. R. ; BARBOSA, A. O. . Narrativas de Pesquisadores sobre a Midiatização das Políticas de Saúde no Brasil.. In: TEIXEIRA,C.F.. (Org.). Observatório de Análise Política em Saúde: abordagens, objetos e investigações.. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2016, v. , p. 461-494.

RONZANI, N. S . **Reduzindo o Estigma entre usuários de Droga**. Disponível em< http://www.editoraufjf.com.br/ftpeditora/site/reduzindo\_o\_estigma\_entre\_usuarios\_de\_drogas.pdf>. Acesso: dia 21 mar. 2018

SPINK, M.J.P .Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(6):1277-1311, nov-dez, 2001

SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso:** princípios & procedimentos (8ª ed.) Campinas.

VAZ, P.; CARDOSO. J.M. **Risco, sofrimento e Política: a epidemia de dengue no Jornal Nacional em 2008.** In LERNER. K & SACRAMENTO. I (Org): Saúde e Jornalismo, Interfaces Contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2014.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 11: Arquivo e Memória Digital, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Luana Luciana Ribeiro de Alencar. Mestranda do Programa de Pós-Graduação da UFJF. Integrante do grupo Sensus – Comunicação e Discurso em Saúde. Bolsista CAPES. E-mail: alencarl@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Antonione Alves Grassano. Mestrando do Programa de Pós-Graduação da UFJF. Integrante do grupo Sensus – Comunicação e Discurso em Saúde. Bolsista CAPES. E-mail: antonione.grassano@gmail.com.br [↑](#footnote-ref-3)
4. Bruna Pfeiffer Salgado. Mestranda do Programa de Pós-Graduação da UFJF. Integrante do grupo Sensus – Comunicação e Discurso em Saúde. Bolsista CAPES. E-mail: bpfeiffer924@gmail.com [↑](#footnote-ref-4)
5. JORNAL DA GLOBO. Epidemia do Crack: traficantes buscam novas formas de atrair consumidores. 24 de setembro de 2008. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/887504/> [↑](#footnote-ref-5)
6. NORNAL DA RECORD. Epidemia do crack faz crescer número de bebês abandonados em SP. 18 de agosto de 2012. Disponível em: http://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/epidemia-do-crack-faz-crescer-numero-de-bebes-abandonados-em-sp-06102018 [↑](#footnote-ref-6)
7. JORNAL DA GLOBO. Epidemia do Crack: Trabalhadores rurais do Paraná se viciam na droga. 22 de setembro de 2008. Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/886264/ [↑](#footnote-ref-7)
8. RECORD TV. Epidemia do crack destrói famílias pelo país. 15 de setembro de 2018. Disponível em: http://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/videos/epidemia-do-crack-destroi-familias-pelo-pais-15092018 [↑](#footnote-ref-8)
9. Por motivos éticos não vamos revelar a identidade ou o blog no qual realizamos a coleta. [↑](#footnote-ref-9)
10. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1886022-policia-faz-megaoperacao-de-combate-ao-trafico-na-cracolandia.shtml [↑](#footnote-ref-10)
11. IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016 [↑](#footnote-ref-11)
12. Esse trabalho é parte da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), intitulada DOS EXCESSOS CONTEMPORÂNEOS: Os Discursos de si sobre o uso problemático de drogas, em blogs pessoais, sob orientação do professor Dr. Wedencley Alves Santana. [↑](#footnote-ref-12)
13. Optamos por preservar a identidade das pessoas que escreveram os blogs, por uma questão ética. Para chegarmos a esses blogs usamos alguns critérios que está no fim do artigo, como anexo. [↑](#footnote-ref-13)